

REPRESENTAÇÃO DO PEIRATES NA GRECIA ANTIGA A PARTIR DA ODISSEIA DE HOMERO

André Luiz Melo Tinoco Nogueira
Doutor em História Comparada (PPGHC-UFRJ)
andrelmtn@hotmail.com

Resumo

O estudo da obra *Odisseia* revelou uma mudança na representação dos piratas ao longo do tempo. Inicialmente, eram retratados como figuras temíveis e hostis, representando uma ameaça à ordem estabelecida, associados frequentemente à violência, saques e destruição, desempenhando um papel negativo na sociedade grega. No entanto, essa visão é compreendida como resultado de uma percepção única do papel da atividade pirata na imaginação grega, onde a mesma atividade poderia ser vista de forma negativa ou ambígua, dependendo de quem a praticava. Ao longo da história, a representação dos piratas se alternou, sendo por vezes desafiadores da ordem estabelecida, questionando estruturas sociais e políticas existentes, frequentemente caracterizados como astutos e corajosos, evocando admiração por suas habilidades marítimas e espírito de aventura. Essa mudança na percepção dos piratas na *Odisseia* pode ser interpretada como reflexo da evolução da sociedade grega em relação à atividade pirata. À medida que a Grécia Antiga expandia seu comércio marítimo e entrava em contato com outras culturas, a imagem dos piratas começou a ser reavaliada.

Palavras-chave: Pirataria; Odisseia; Representação; Ambiguidade.

Abstract

The study of the *Odyssey* revealed a change in the representation of pirates over time. Initially, they were portrayed as fearsome and hostile figures, representing a threat to the established order, often associated with violence, looting, and destruction, playing a negative role in Greek society. However, this view is understood as a result of a unique perception of the role of pirate activity in the Greek imagination, where the same activity could be seen negatively or ambiguously, depending on who practiced it. Throughout history, the representation of pirates alternated, sometimes challenging the established order, questioning existing social and political structures, often characterized as cunning and courageous, evoking admiration for their maritime skills and spirit of adventure. This change in the perception of pirates in the *Odyssey* can be interpreted as a reflection of the evolution of Greek society regarding pirate activity. As Ancient Greece expanded its maritime trade and came into contact with other cultures, the image of pirates began to be reevaluated.

Keywords: Piracy; *Odyssey*; Representation; Ambiguity.

Introdução

Delimitamos nosso artigo no período da História referente à Antiguidade, e essa escolha se dá, pois é onde entendemos, que podemos tecer comentários referentes ao

aparecimento de primeiros relatos de pirataria, com base em escritos e trabalhos dos períodos principalmente entre a chamada Grécia Arcaica e Clássica, de onde inclusive, provem o termo mais famoso e característico adotado comumente para designar os saqueadores marítimos, resultado do grego *πειρατής* (peiratés), derivado de *πειράω*, “tentar, assaltar”, e transliterado posteriormente pelo latim e italiano “pirata”¹

Buscamos analisar a mudança da imagem do pirata na Grécia antiga, pois embora a pirataria fosse em determinado momento uma prática aceita na sociedade grega antiga, tornou-se cada vez mais condenada ao longo do tempo. Não há agregação de valor positivo ou valor negativo tão somente, e o mar é um e outro no mesmo momento. Enquanto o lucro pode ser extraído através da navegação deste mar, o mesmo pode matar o indivíduo, nas representações de ameaças naturais e das atividades oriundas deste.

Segundo Ana Livia Bomfim Vieira (2008) as representações sobre o mar podem ser compreendidas como ambivalentes, e isso significa dizer que os poetas empregaram valores positivos e negativos para o que querem transpor como representação. As construções das representações que circulavam no imaginário helênico acerca do mar e da navegação permeavam a intrínseca relação da busca em compreender o “funcionamento” do mar e dos valores que a elite social prestigiava como sendo as mais honrosas.

Essa ambiguidade pode ser aplicada ao mar, uma vez que compreende em “ser bom e mau, honrado e vergonhoso ao mesmo tempo, tudo isso se ligando a uma diversidade de pontos de vista. É a coexistência de duas qualidades” (VIEIRA, 2008, p10 apud JOURDAN, 2015, p.8)

Usando primeiro de uma referência literária para nos fornecer uma base contextual em nossa explanação sobre primeiras abordagens da pirataria na Grécia, vemos que o poeta antigo Homero, por exemplo, utilizou de diversos termos que designavam praticas oriundas dos homens do mar, tanto navegantes marinheiros na legalidade, comum de seus afazeres, quanto aqueles que agiam nas rotas comerciais marítima em busca de oportunidades para ataques e saques.

¹ Além do termo "peiratēs" (*πειρατής*), utilizado para designar piratas na Grécia Antiga, também existiam outros termos relacionados a atividades ilegais no mar. Um desses termos é "leistēs" (*ληιστής*), que se referia especificamente aos ladrões que assaltavam navios ou portos. A palavra "leistēs" também pode ser encontrada em textos da Odisseia de Homero, onde é usada para descrever os bandidos que tentam roubar os bens de Odisseu e sua tripulação. Outra palavra relacionada a atividades ilegais no mar é "apobelētēs" (*ἀποβελητής*), que se referia aos saqueadores que jogavam objetos ou projéteis em navios para tentar danificá-los ou forçá-los a parar. Embora esses termos tenham sido utilizados para descrever atividades ilegais no mar, o termo "peiratēs" é o mais comum e mais amplamente utilizado para designar os piratas na Grécia Antiga.

A pirataria era um assunto significativo no antigo mundo mediterrâneo, e a imagem do pirata desempenhou um papel importante na literatura e na cultura grega. Buscaremos assim, compreender os fatores históricos, culturais e sociais que contribuíram para a mudança de atitude em relação à pirataria e como essas atitudes se refletiram na literatura grega. Para o pesquisador James Martin (2017, p. 15), que estudou as interpretações da figura do pirata frente aos heróis dos poemas épicos em Homero, a conotação depreciativa que o termo *peiratés* poderia indicar, tem como principal argumento que emerge dessa perspectiva as atitudes negativas em relação à pirataria dentro dos épicos escritos, onde essas atividades são entendidas como uma violação das relações do herói, não uma condenação do ato em si, sendo indicado o termo para aqueles que buscavam obter vantagens financeiras no mar, não necessariamente inimigos.

À medida que as cidades-estados passaram a priorizar o comércio em detrimento de outras formas de atividade, a imagem do pirata começou a mudar. A prática de atacar e saquear navios no mar atrapalhava o fluxo de mercadorias e tornava perigosa a navegação, e a pirataria também foi vista como uma ameaça ao comércio marítimo e à sociedade. Essa mudança de imagem também foi impulsionada pela crescente importância da honra e da moralidade na sociedade grega antiga. Observamos assim, a configuração da percepção social destas atividades na Grécia Antiga, passou muitas vezes a ser compreendida como um “problema contínuo”, durante os períodos Arcaico e Clássicos da História Grega. (MEIGS, 1982, p.398).

A pirataria era uma ameaça constante ao comércio e, conseqüentemente, ao bem-estar econômico e político das comunidades envolvidas, tendo também um efeito desestabilizador nas relações entre as cidades-estados, pois era frequentemente usada como uma ferramenta de guerra e diplomacia (VERLAG, 2013, p. 212). Alguns historiadores argumentam que a pirataria era uma forma de empreendedorismo e que muitos piratas eram admirados por sua bravura e façanhas ousadas. O pesquisador Carl A. Anderson (2008, p.257) comenta que o poeta Archilochus, por exemplo, escreveu sobre os piratas como figuras heróicas, descrevendo-os como “sujeitos ousados que vão para o mar e saqueiam seus vizinhos”.

Na Odisseia

Usando primeiro de uma referência literária para nos fornecer uma base contextual em nossa explanação sobre primeiras abordagens da pirataria na Grécia, vemos que o poeta antigo Homero, por exemplo, utilizou de diversos termos que designavam práticas oriundas dos homens do mar, tanto navegantes marinheiros na legalidade, comum de seus afazeres, quanto

aqueles que agiam nas rotas comerciais marítima em busca de oportunidades para ataques e saques.

A poesia na sociedade políade, adquire um espaço próprio, marcando e sendo marcada pelas tensões vivenciadas durante os processos de formação da pólis e de novos modelos, social, político, econômico, cultural, religioso.

No início do Período Arcaico (séc. VIII a.C.), a poesia grega atingiu seu auge, consolidou-se e esteve submetida a várias transformações. Marcou tão profundamente a sociedade helênica dos períodos posteriores que, mesmo tendo conseguido estabelecer uma ordenação ao imenso repertório mítico que veio sendo apropriado dos tempos mais remotos, das tradições indo-europeias e orientais, prosseguiu sendo recitada em jogos e festas do Período Clássico (séc. V ao IV a.C.) (MORAES, 2012, p. 29).

Consideramos que a Odisseia é o produto final de uma longa cadeia de transmissão oral que remonta até mesmo ao século XV a.C., mas que se cristalizou ao final do século VIII a.C., momento em que a Grécia estaria passando por importantes transformações.

No princípio da literatura do Ocidente, teria havido (com a *Odisseia*), essa mesma que Bérard sentiu em si fermentar e que se transforma numa das facetas de sua vida intelectual: a da imaginação geográfica. Homero, como disse Estrabão, teria tido em mãos os périplos dos navegadores fenícios e a Grécia teria dado vida ao relatório frio do homem semita que vivia no mar, transformando os recifes em monstros, os vulcões em ciclopes, as ilhas em ninfas e o mercador de Sidon em Odisseu eterno. Isso que a imaginação geográfica de Homero teria feito pelo périplo fenício, a imaginação geográfica de Bérard, guiada pelo sentido dos lugares e da ciência de *doublets* (gregos e míticos), iria fazer pela *Odisseia*, mas em sentido oposto, encontrando na *Odisseia* o périplo fenício, depois associando o périplo da *Odisseia* com um Mediterrâneo eterno: após o Mediterrâneo antigo, o veneziano, o grego ou o inglês, esse em que a *Odisseia* permanece como o poema inalterado, subtraído do tempo não somente pela beleza, mas pela permanência do cenário marítimo, a transparência e a certeza de sua geografia (COSTA, 2014, p. 89).

As ideais e valores expressos na *Iliáda* e na *Odisseia* foram admirados pelos gregos por muitos séculos após a composição dos poemas, fornecendo modelos para comportamento e temas de debate e discussão desde o período arcaico até o final do séc. Antiguidade e posteriormente.

Ao examinar a imagem do pirata na cultura grega antiga, inclusive na *Odisseia*, compreendemos então que a pirataria era vista como um desafio ao conceito de propriedade intelectual e à noção de bem público, e que o pirata era visto como uma ameaça à estabilidade social e econômica (SCULLY, 2013, p. 55).

Particularmente na *Odisseia* de Homero, a imagem que podemos analisar da figura do pirata é multifacetada e complexa. O próprio protagonista Odisseu, não é normalmente

considerado um pirata na obra de Homero, mas sim um herói e um guerreiro, mesmo que suas atitudes e atividades estejam diretamente ligadas ao que podemos interpretar por pirataria.

Ele é o personagem principal do poema épico de Homero, “A Odisseia”, que conta a história de sua jornada para casa em Ítaca depois de lutar na Guerra de Tróia. Embora Odisseu não seja um pirata, ele se envolve em algumas atividades que podem ser vistas como pirataria, como invadir a terra dos Cicones e roubar o gado do deus do sol, Helios. No entanto, essas ações são apresentadas no poema como sendo necessárias para a sobrevivência ou como testes de astúcia e bravura de Odisseu, levando a questão da pirataria como uma conceituação moral e não necessariamente apenas ligada a um tipo determinado de ação, sendo seu objetivo final voltar para casa e se reunir com sua família, em vez de acumular riqueza ou poder por meio da pirataria. Suas lutas contra os ciclopes, as sereias e outras criaturas míticas não são vistos como atos de pirataria, mas sim testes de sua coragem, sabedoria e desenvoltura, colocando Odisseu na figura heroica que personifica os valores de honra, coragem e lealdade, e que luta para defender sua pátria e seu povo de ameaças externas.

Odisseu é, na tradição helênica, um herói. Segundo Jacqueline de Romilly (2001), os heróis em Homero:

Na verdade, designava normalmente, em Grego, homens divinizados a quem, após a morte, se prestava culto. Ora em Homero – e, por causa de Homero, em toda a literatura que se seguiu – o sentido do termo é diferente. Designa homens perfeitos, os ‘melhores’, que são superiores aos outros, mas que apesar de tudo, continuam a ser simples mortais, até quando são filhos de deuses e deusas. Além disso, não tem qualquer traço distintivo que os afaste da condição humana. (...) estes heróis de Homero possuem até ao extremo as qualidades a que um homem pode aspirar. (ROMILLY, 2001, p. 70 apud JOURDAN, 2015, p. 87)

A pirataria é retratada na *Odisseia* de Homero como uma atividade perigosa e desonrosa, associada à violência, ilegalidade e falta de respeito pelos deuses e pela ordem social. Algumas pessoas específicas podem ser caracterizadas por “piratas” de acordo com a natureza de suas atividades na *Odisseia*. O próprio Odisseu, quando ele finge ser filho do cretense Kastor, descreve seus companheiros em ataques de pilhagem como piratas (HOMERO, OD. 17.425). O criador de porcos Eurnaios diz que sua babá foi capturada na Fenícia por “piratas táfios” (HOMERO, OD. 15.427).

Deve-se notar, no entanto, que nenhum herói aqueu individual é chamado diretamente de pirata, e especialmente Odisseu. A melhor justificativa disso é fornecida pelo disfarce cretense de Odisseu.

Nunca me preocupei com a agricultura, nem com a vida em casa, nem com a criação de belos filhos. Eu me deleitei em navios longos com remos; Amei as

lanças polidas, as flechas na escaramuça, as formas da perdição que os outros estremeçam ao ver. Carnificina me convinha; o céu colocou essas coisas em mim de alguma forma. Cada um ao seu gosto! Antes de nós, jovens aqueus, embarcamos para Tróia homens em nove cruzeiros em navios para atacar costas estranhas, e tivemos muita sorte, obtendo ricos despojos no local e ainda mais na divisão. Assim minha casa cresceu próspera, ficando, portanto, elevada entre os cretenses. Mas Zeus, filho de Cronos, me derrubou. Não sei por que ele teria isso, mas ele me fez ir para o Egito com uma companhia de piratas - uma longa viagem para o sul - para minha ruína. Subindo o amplo Nilo e na margem do rio eu trouxe meu esquadrão de mergulho. Lá, de fato, eu disse aos homens para ficarem de guarda nos navios; Enviei patrulhas para terreno elevado; mas a ganância vermelha levou minhas tripulações para saquear as fazendas egípcias; eles levaram esposas e filhos, mataram todos os homens que encontraram (HOMERO, OD. 17.424-343).

Outros personagens e grupos são categorizados como ameaças ao fazerem algum tipo de ação que implique em prejuízo a Odisseu e seus homens, como na passagem: “Mas os lestrigões, que são conhecidos por serem os mais fortes de todos os homens, atacaram meus navios e os destruíram totalmente, e mataram os homens que estavam a bordo deles” (HOMERO, OD,10.81-83), onde os Lestrigões são retratados como um grupo de gigantes canibais que se envolvem em atos de saques e violência contra viajantes desavisados.

No trecho: “O tempo todo eu estava navegando sobre o mar cor de vinho, e entre as ondas eu estava sendo levado com o coração pesado, como se eu fosse um pirata” (HOMERO, OD.5.274-275), Odisseu descreve a si mesmo como se sentindo um pirata, embora não esteja envolvido em atos de pirataria. Isso sugere que a pirataria era vista como uma atividade vergonhosa da qual até mesmos homens honrados como Odisseu poderiam se envergonhar.

A ambiguidade da moralidade associada a ação de quem o faz é implícita na visão estipulada do “outro”, como o pirata, e o próprio herói Homérico visto como um herói corajoso, independente de seus atos, por mais similares com atividades piratas que possam ser, como visto em:

Quando zarpei dali, o vento me levou primeiro a Ismarus, que é a cidade dos Cicons. Ali saqueei a cidade e passei o povo pela espada. Levamos suas esposas e também muito butim, que dividimos equitativamente entre nós, para que ninguém tivesse motivos para reclamar.(HOMERO, OD. 9. 45-53)

Temos por exemplo em uma passagem da obra Odisséia de Homero, trecho onde a personagem de Nestor pergunta a tripulação de Odisseu: “Donde vindes cortando as salsas vagas? Traficais? ou piratas sois errantes, Que para dano alheio a vida expondes?” [...] (HOMERO, OD. 3. 60-63).

Percebemos neste trecho, uma percepção e uma imagem de receio e preocupação, já predominante sobre atividades tipicamente classificadas como feitas por “piratas” pela

sociedade civil em geral. Ao analisar a figura do herói nos épicos, James Martin observou então que a caracterização da palavra ληϊστίρες, (peirates) ganha aspectos de julgamento moral pela caracterização da violência daqueles que eram alvos das atividades piratas.

Essas citações reforçam a ideia de que a pirataria era vista na Grécia antiga como uma atividade perigosa e desonrosa, associada à violência, ilegalidade e falta de respeito aos deuses e à ordem social. Eles também mostram como os piratas e outras ameaças aos viajantes no mar eram uma fonte constante de perigo e medo para o povo da Grécia antiga.

Ainda sobre os textos homéricos, o pesquisador André Malta também estabeleceu análises sobre a interpretação dessas representações de atividades nos épicos gregos clássicos. Para ele, o texto da Odisséia apresenta como contrastantes das ações marítimas, dois povos, um com fortes conotações míticas, os feácios da região de Esquéria, que como o pesquisador diz “povo que parece claramente estabelecer uma ‘ponte’ entre as aventuras pregressas, fantasiosas de Odisseu e seu reingresso na dura realidade de Ítaca” (MALTA, 2017, p. 03) e os Fenícios, e que no texto se produz uma ambiguidade sobre a caracterização das atividades marítimas provenientes deles.

Ambos os povos, independente das suas representações serem literárias ou históricas, são sempre apresentados como famosos por sua habilidade náutica, e construção naval, porém um se firma em um sistema de trocas e comércio e o outro se estabelece representado por atividades de roubo e pirataria (DOUGHERTY, 2011, p.115 apud MALTA, 2017, p. 05).

O autor grego ateniense Tucídides séculos depois, também descreveu a prevalência da pirataria em um contexto posterior, onde as práticas e atividades piratas eram algo que costumava ser aceitável e até apropriado mais cedo na Grécia e que ainda existia uma prevalência desses hábitos e práticas por parte de algumas pessoas do continente.

E eles caíam sobre cidades não muradas, compostas de aldeias, e as saqueavam. A partir disso, eles fizeram a maior parte de seu sustento, uma vez que não trouxe vergonha do ato, mas na verdade trouxe alguma glória. Alguns do continente mostram isso até agora, para quem é conveniente que alguém faça bem essas incursões, assim como os velhos poetas por toda parte têm pessoas perguntando aos navegantes se são piratas, como se não houvesse intenção de repudiar o feitos por parte de quem pergunta, nem de censura para quem pergunta.

Tucídides implica que a pirataria gradualmente se tornou menos aceitável com o tempo, e foi tomando sentido negativo por parte da sociedade, e o que começou a ser lugar-comum acabou se tornando impróprio para a maior parte da Grécia, com apenas algumas exceções, e a presença dos piratas continuaria a perseverar sobre as nações marítimas, até o nascimento das marinhas regulares. O conceito de que a pirataria poderia ser sem qualquer tipo

de estranheza, pelo contrario, visto com particular normalidade em determinados momentos da historia grega, revela possíveis questionamentos e reflexões. Tucídides também faz inúmeras menções à pirataria em seu relato da Guerra do Peloponeso, começando com a ideia, embora não explicitamente declarada, de que Atenas estabeleceu uma politica para acabar com a pirataria fora das operações da guerra com Esparta (431-404 aC). Ele sugere que os coríntios tinham tal política e os elogiou por isso, uma vez que trouxe receita para os cofres de sua cidade, tornando o comércio marítimo mais seguro. Para Tucídides, os heróis de Homero eram piratas e a supressão da pirataria desempenhou um papel muito importante no surgimento de cidades-estados, como as da antiga Creta e de Corinto antes do século V aC.

Na Odisseia de Homero percebemos uma inclinação do autor a colocar os piratas como possíveis causadores de danos, cuja presença pode ser menos benéfica do que a dos comerciantes. Mas há também uma sugestão de que os piratas são mais glamorosos, pois arriscam muito em sua busca por ganhos. Parece haver uma separação definitiva entre heróis e piratas na mente do poeta, embora haja pouca diferença entre eles em termos de suas ações nos poemas.

A diferença entre aqueles que são heróis e aqueles que são piratas parece ser apenas seu destino ordenado pelos deuses. Heródoto faz menção aos piratas quando comenta sobre os gregos da Jônia navegando para o Egito para saquear aquele país em meados do século VII aC. Equipados com armaduras de bronze, segundo ele, ficaram no Egito e depois foram recrutados como mercenários (HERODOTO, 12.152). Sua descrição das atividades de pilhagem por atacado de Polícrates, tirano de Samos na segunda metade do século VI aC, equivale a uma espécie de forma primitiva de podendo também transparecer uma certa confusão conceitual entre pirataria e guerra organizada (HERODOTO, 13,49)

Polanyi tratou as ações de comportamento de acordo com os princípios de reciprocidade e redistribuição e reconheceu que essas formas de comportamento estavam ligadas à existência de estruturas sociais determinadas um exemplo característico de explicação funcional. A mercantilização também atua sobre os mercados tradicionais, por vezes de forma mais intensa do que no Mercado. Não só os homens e as mulheres são objetos de mercados com a escravidão.

Transpondo para questão da atividade pirata e na construção de uma sociedade que compreende e vivencia a atividade pirata, vemos que membros da elite ainda organizavam viagens de verão para saquear da mesma forma que as descritas por Homero, foi o conservadorismo social, não a crise social que se responsabilizou pela associação entre pirataria

e regiões como Creta e Etólia até mesmo o Período Helenístico onde, “No final das contas, portanto, não foi nem a opressão política nem a pobreza que criou o predador. De fato, historicamente, ele esteve presente por todo o tempo e continuou a gozar de uma existência próspera” (GABRIELSEN, 1997 apud LEWIS, 2019, p.126).

Sua recriminalização foi em parte sobre a perturbação e a insegurança que os piratas poderiam causar ao comércio, pois o comércio estava ligado à paz. No passado, a organização do comércio era militar e bélica; era um complemento do pirata, a caravana armada, o caçador e caçador, o mercador de espadas... agora tudo isso foi esquecido. O comércio agora dependia do sistema monetário internacional, que não poderia funcionar em uma guerra geral. Mas isso também teve um forte componente simbólico, pois o pirata foi redescoberto como a personificação da rejeição das normas da comunidade estados civilizados que defendem não apenas a liberdade do pirata individual, mas sendo um desafio simbólico à ordem internacional dos estados soberanos e da economia de mercado

Considerações finais

Buscamos apresentar um panorama, e exploramos a representação dos piratas na narrativa épica, examinamos as motivações e as consequências de suas ações, bem como a evolução da percepção social sobre essa atividade ao longo do tempo. A análise da "Odisseia" revelou que, inicialmente, os piratas eram retratados como figuras temíveis e hostis, representando uma ameaça à ordem estabelecida, onde eles eram frequentemente associados à violência, ao saque e à destruição, desempenhando um papel negativo na sociedade grega. No entanto, entendemos essa visão fruto de uma percepção bastante singular do trato da atividade pirata de forma individual no imaginário grego, onde a mesma atividade poderia ser compreendida como negativa, pirataria no sentido amplo associado à práticas condenáveis, ou dependendo de quem pratica determinada atividade, à uma ambiguidade de compreensão.

Através das várias interações de Odisseu com os personagens moralmente questionáveis (a generalização do termo pirata se dá para todos aqueles que de alguma forma exerciam atividades questionáveis no mar em busca de benefícios) ao longo de sua jornada, a "Odisseia" nos apresenta um retrato mais complexo desses personagens.

Ao longo da História, a construção da representação que a figura do pirata se estabelece é amplamente alternada, visto que eles são representados como desafiadores da ordem estabelecida, questionando as estruturas sociais e políticas existentes, por muito também

caracterizados como astutos e corajosos, muitas vezes evocando admiração por suas habilidades marítimas e espírito de aventura.

Essa mudança de percepção em relação aos piratas na "Odisseia" pode ser interpretada como um reflexo da evolução da sociedade grega em relação à atividade pirata. À medida que a Grécia Antiga se expandia seu comércio marítimo e entrava em contato com outras culturas, a imagem dos piratas começou a ser reavaliada. Surgiram novas perspectivas sobre suas motivações, como a busca por riquezas e a exploração de rotas comerciais.

Referências

- BOARDMAN, John. (ed). **The Cambridge Ancient History: Persia, Greece and the Western Mediterrean 525 to 479 b.c.** Cambrigde University Press, Vol IV, 2° edition, 2008.
- BRYCE, Trevor. **The Kingdom of the Hittites.** Oxford University Press, 2005.
- COSTA, Lorena Lopes da. **O mar Odisseico para se pensar a Longa Duração:** Homero, Victor Bernard e Fernand Braudel. Revista Expedições V5, n2, 2014.
- COSTA, Nicássio Martins da. **Navegando em aguas perigosas:** a abordagem literaria e a construção de esteriotipos dos piratas caribenhos dos Setecentos. Universidade do vale do rio dos sinos, 2016
- DOUGHERTY, C.. **The raft of Odysseus:** the ethnographic imagination of Homer's Odyssey. Oxford, UK, Oxford University Press. 2011
- EBELING, H. (Ed.). **Lexicon homericum.** Leipzig: B. G. Teubner, 1885
- ELLS, Charles. **The pirate own book:** Authentic Narratives of the Most Celebrated Sea Robbers.
- GABRIELSEN, V. **The Naval Aristocracy of Hellenistic Rhodes.** Aarhus: Aarhus University Press, 1997. in LEWIS, David M. Pirataria e Comercio de Escravos em Ação na Grecia Classica e Helenistica. Mare nostrum, ano 2019, v.10. N2.
- HAMEL, Debra. **The Twitter Herodotus:** An Abbreviated History of the Persian Wars for the Modern Age. Independent Publishing Platform; 1st edition 2014.
- HERODOTO. **História** .Traduzido por Pierre Henri Larcher. Perseus digital library.2006
- JOSHUA, Mark. **Piratas no Mediterrâneo Antigo** . Enciclopédia de História Antiga . Artigo disponível em <https://www.ancient.eu/Piracy/>.
- JOURDAN, Camila Alves. **Métis:** do reconhecimento do mar Mediterrâneo ao domínio do mar Egeu. Universidade Federal Fluminense. 2015.
- LAROCHE, Emmanuel; VIROLLEAUD, Charles . **Ugaritica. V:** nouveaux textes accadiens, hourrites et ugaritiques des archives et bibliothèques privées d'Ugarit. Nova Iorque: Universidade de Stony Brook .Disponível em <http://digital.library.stonybrook.edu/cdm/ref/collection/amar/id/7250>
- LEWIS, David M. **Piracy and Slave Trading in Action in Classical and Helenistic Greece.** Mare Nostrum, v.10 n 2, 2019.

- MALTA, Andre. **Os féacios e a transição de Odisseu na Odisseia**. *acta Scientiarum, Language and Cultura*, vol 39, n 01, 2017.
- MARTIN, James. **Bringing Evil to Others: A Reexamination of Piracy Through Homeric Relationships**. Brandeis University, 2019
- MEIGSS, R. . **Trees and Timber in the Ancient Mediterranean World**. Clarendon Press, 1982
- MORAES, Alexandre dos Santos de. **O ofício de Homero**. Mauad Editora, Rio de Janeiro, 2012.
- PENNELL, C. R. **Bandits at sea: a pirates reader**. New York: New York University Press, 2001.
- POLANYI, Karl. **The Economy as an Instituted Process**. In K. Polanyi, C. M. Arensberg, & H. W. Pearson (Eds.), *Trade and Market in the Early Empires*. 1957.
- POLANYI, Karl. **The Great Transformation: The Political and Economic Origins of Our Time**. Beacon Press. 1944
- ROMILLY, J. de. **Homero: introdução aos poemas homéricos**. Lisboa: Edições 2001. p.70 in
- JOURDAN, Camila Alves. **Métis: do reconhecimento do mar Mediterrâneo ao domínio do mar Egeu**. Universidade Federal Fluminense. 2015.
- SCULLY S.. **The Pirate in the Greek Imagination: Intellectual Property, Public Goods, and Privateers**. University of California Press. 2013
- SOUZA, Philipe de. **Pirataria no mundo greco romano**. Cambridge University press, 2000.p.
- TUCÍDIDES. **História da Guerra do Peloponeso**. Tradução de Mário da Gama Kury. Brasília: Editora UNB, 1987.
Disponível em: http://funag.gov.br/loja/download/0041historia_da_guerra_do_peloponeso.pdf
- VERLAG, Franz Steiner. **Regional Identities in the Greek World: Myth and Koinon in Ionia** Mac Sweeney, Naoíse Published . Volume 70, setembro 2013
- VIEIRA, A. L. B. **Entre a ‘métis’ da pesca e a honra da caça**. PHOÏNIX-Laboratório de História Antiga/ UFRJ. Ano XIV. 2008. Rio de Janeiro: Mauad
- WALKER, Henry J. **Piracy in the Graeco-Roman World**, 2002